CINEMA: OUTROS MODOS DE PENSAR A FORMAÇÃO PEDAGÓGICA

Camila Beatriz Reiter[1]
Jéssica Amanda Dreissig[2]
Angélica Vier Munhoz[3]

Pensar nas relações entre docência e cinema é a proposta deste resumo, mais especificamente, tem-se por objetivo pensar a formação docente, partindo de um olhar para as produções audiovisuais. Para tanto, propusemos nos indagar: De que forma o cinema pode contribuir para a formação docente? O referente trabalho é resultado das investigações e práticas realizadas na disciplina de Prática Pedagógica em Formação de Professores, do curso de Pedagogia da Universidade do Vale do Taquari - Univates. Inicialmente buscamos investigar a temática, através de autores que nos ajudam a pensar tal problema de pesquisa, tais como Garcia, Hypolito, Vieira, Castro, Foucault, entre outros. No segundo momento, realizamos oficinas, acerca da temática, com dois grupos – um grupo de professores de uma escola pública e um grupo de alunos do curso de Pedagogia. Ao final, buscamos relatar a experiência vivida e as considerações finais desse trabalho.

Nós, seres humanos, insistimos, quase de forma incansável, na mudança do outro, queremos sentir as transformações de nossos alunos, mas como pensamos em nossas transformações? Do modo como somos constituídos? De que forma entendemos a palavra formação?

A partir da análise de duas produções audiovisuais nos propomos a refletir sobre os modos de pensar, provocados por essas produções, olhando para o modo como a docência pode ser atravessada pelo cinema.

Quando pensamos em cinema, geralmente nos remetemos a um momento prazeroso e de lazer, sem pensarmos que o cinema também nos constitui como sujeitos, criando modos de ser e agir. Com a docência não é diferente, sendo assim, nos propomos a pensar o cinema como forma de contribuição para a formação dos professores.

Na escola, temos um professor diante de uma turma que expressa certas emoções, ao explicar um conteúdo, parecendo um ator diante de uma plateia. Silva (2001) afirma que "O que eu mais aprendi do meu encontro com o campo acadêmico da educação, que agora já dura por mais de dez anos, foi que não quero ensinar ou aprender na ausência de prazer, enredo, emoção, metáfora, artefatos culturais e de envolvimento e interação com o público" (p. 10).

Desta forma, pensar o cinema em meio aos momentos de formação de professores, entra como possibilidade de fissurar com discursos que representam a docência. Foucault (2012) vai citar que os discursos se mantêm ou se modificam na medida em que são apropriados, se pensarmos na área da educação, podemos perceber que ela está permeada por discursos que vão sendo produzidos, reproduzidos e disseminados, pelos próprios docentes, pelas mídias, como se fossem verdades absolutas e inquestionáveis, o que acarreta uma responsabilização do docente pelo fracasso na educação. Tudo isso, porque a instituição escolar foi sendo constituída com uma responsabilidade errônea, incorreta: a resolução de todos os problemas da sociedade (Garcia; Hypolito; Vieira, 2005).

O discurso, segundo Foucault (2012) diz respeito a um conjunto de enunciados formado por uma sequência de signos. O enunciado, por sua vez, é algo que surge num certo tempo, num certo lugar (Fischer, 2001), através de práticas discursivas que "tomam corpo no conjunto das técnicas, das instituições, dos esquemas de comportamento, dos tipos de transmissão e de difusão, nas formas pedagógicas que, por sua vez, as impõem e as mantém" (Castro, 2009, p. 119). Não há verdade oculta pelo discurso, nem tampouco,

1 Acadêmica do curso de Pedagogia Universidade do Vale do Taquari - Univates.
2 Acadêmica do curso de Pedagogia Universidade do Vale do Taquari - Univates
3 Docente da Universidade do Vale do Taquari - Univates

um poder escondido por detrás dele, mas "o poder é algo que funciona através do discurso" (Castro, 2009, p. 120), por meio das relações de força, as quais nos constituem.

Acreditamos no cinema como capaz de suscitar uma multiplicidade de pensamentos, e que se coloca como uma possibilidade para o contexto da formação de professores. Ficção e realidade como um caminho possível. Gonçalo Tavares (2017), em entrevista ao jornalista Eric Nepomuceno, trata dessa questão, pois vai dizer que aquilo a que se dá atenção, é para onde se lança o olhar, e isso que vai construir uma história, seja ela ficcional ou real, então, as construções que fazemos vão depender do nosso olhar. O escritor, continua dizendo que a ficção nos parece muito mais "praticável" do que o real, pois a ficção se assume como não real e o real subestima a ficção, considerando-se mais verdadeira. Ele nos faz pensar que consideramos a realidade como uma verdade, mas somos enganados.

Gonçalo Tavares é um escritor que utiliza diferentes gêneros para compor sua escrita e acredita em uma escrita que não seja pretensiosa, que não se considere totalmente inovadora. Ele valoriza a história, o já vivido, o que foi realizado e que possibilitou que ele pudesse compor suas escritas. Assim como o escritor, nos interessa pensar junto aos docentes e futuros docentes nos caminhos possíveis da educação, pensar para onde nós, como docentes queremos olhar, sem abandonarmos o que passou, porque "[...] não há ato de criação que não seja a travessia de um horizonte já vivido [...]" (Costa, 2011, p. 51), assumindo também a ficção para compor nossa vida docente. Esse olhar, que não abandona o que se viveu, mas que se lança, provocando rachaduras, por onde é possível escapar a criação.

Nossa pretensão, com as oficinas não foi a busca por respostas que possam salvar a educação, até porque assim como indaga Corazza (2005) [...] há um "exército da salvação" na educação? [...]" (p.41). Buscamos, sim, "[...] a descoberta das possibilidades de criação e invenção de si mesmo e das práticas pedagógicas mediadas por atividades estéticas, neste caso, pelo cinema.

A formação de professores, conforme nos diz Corazza (2013) tem deixado muito de lado momentos de criação, de invenção, preocupando-se com a salvação da educação. A palavra formação pode ser entendida como uma forma, como algo acabado, moldado, pronto, mas também pode ser entendida como uma de-formação. Aqui, a palavra deformação vem no sentido de corromper, adulterar, alterar, essa alteração deve ser realizada para rachar com os discursos que representam o professor, conforme Albuquerque Jr.

> Por isso venho aqui propor que precisamos de um professor que deforme e não que forme, um professor que ponha em questão, primeiro em sua própria vida, em suas práticas e discursos os códigos sociais em que foi formado. Professor que pense o ensinar como uma atividade de auto-transformação, como uma atividade diária de mutação do que considera ser sua subjetividade, sua identidade, seu Eu (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2010, p. 9).

Pensando nesse ensino que deforma, o cinema pode vir com essa possibilidade de estarmos olhando para a docência de modos diferentes, possibilitando o novo, questionando a verdade que constitui os discursos, no caso dos filmes, discursos de professores que "salvaram" seus alunos. Mas não é isso que queremos, porque não podemos salvar o mundo, então de que forma podemos pensar em nossas práticas pedagógicas olhando para o agora, sem estarmos subordinados ao futuro?

Foi nesse viés que se estenderam as problematizações das oficinas realizadas com os dois grupos. Em ambas iniciamos com uma indagação: qual seria a relação que os professores e estudantes percebiam entre docência e cinema. A maioria respondeu que o tema os remetia ao cinema como recurso pedagógico, ou seja, as produções audiovisuais como ferramenta para complementar conteúdos. Desta forma, destacamos que a oficina tinha como intenção pensar o cinema para a formação de professores, o que causou certa estranheza em um primeiro momento.

Fizemos a escolha de três filmes que pudessem nos auxiliar a problematizar o modo como o cinema vêm representando a docência. Passamos trechos dos filmes e problematizamos, tanto de forma isolada como realizando um comparativo entre eles, podendo percebe semelhanças e diferenças.

Os participantes de ambas as oficinas perceberam que os filmes "Escritores da liberdade" e "Sociedade dos poetas mortos" retratavam o professor com um fardo pesado, mas no decorrer da história, superavam

todos os problemas e conseguiam transformar a vida dos alunos. Já no filme "Entre os muros da escola", puderam perceber que o filme era tenso, retratando o que vivenciamos na escola, vitórias e fracassos, tentativas e desistências, algo bem próximo da nossa realidade educacional.

Desse modo, problematizamos a nacionalidade dos filmes - os dois primeiros são filmes americanos e o terceiro é um filme francês - e percebemos o quanto filmes americanizados não nos surpreendem, pois sabemos exatamente a forma como vão acontecer, iniciam de forma conturbada, mas acabam com um final feliz, no qual o professor é visto como herói, como um salvador. O filme francês, retrata o docente cheio de vontade de fazer a diferença, mas no decorrer da história se desaponta e desiste.

Os professores da escola pública problematizaram o quanto outras áreas nos representam, o quanto estamos desacreditados, e como poderíamos reverter essa situação. Apontaram a classe dos professores como uma classe muito desunida, que parece não ter forças para combater todos os discursos que circulam pela área da educação, e que enfraquecem o papel do docente. Nesse sentido, problematizamos o quanto nós, como docentes, também produzimos discursos e os disseminamos, determinando e abrindo brechas para que as outras áreas nos representem da forma como quiserem.

Os estudantes do curso de pedagogia problematizaram a forma como somos representados em outras produções cinematográficas, tendo como enfoque a educação infantil. Citaram os filmes "A creche do papai" e "Um tira no jardim de infância", o que nos possibilitou problematizar essa visão do professor de educação infantil como "qualquer um", ou como se bastasse cuidar de crianças, gostar delas, como se não necessitasse de profissionalização. Junto a isso, veio à tona a questão da desvalorização do docente, entendendo que se constitui em uma construção histórica e social, mas que necessita do olhar do docente e de uma postura que vá contra esse discurso.

Ainda, pensando nas representações do cinema americano do professor como herói, aquele que não consegue transformar o aluno é considerado incapaz, emergindo outro discurso: da culpabilização do professor pelo fracasso da educação, como se ele fosse o único responsável por todos aqueles sujeitos que transitam na escola.

Por fim, as reflexões provocadas nas oficinas sinalizaram a importância de pensarmos em momentos de formação de professores que possam ser compostos pelo cinema, para além da sua utilização como recurso pedagógico. Assim, diante do tema proposto, percebemos a possibilidade de outros olhares para os momentos de formação de professores que possam fissurar com discursos que circulam na área da educação. Enfim, esperamos que este estudo possa contribuir para possibilitar a ampliação do olhar para a área da educação, fissurando discursos que produzem representações universalistas da docência.

Referências

ALBUQUERQUE JÚNIOR, D. M. **Por um ensino que deforme: o docente na pós-modernidade**. In: Áurea da Paz Pinheiro e Sandra C. A. Pelegrini Orgs). Tempo, Memória e Patrimônio Cultural. 1ed. Teresina: EDUFPI, 2010, v.1, p.55-72.

CASTRO, Edgardo. **Vocabulário de Foucault – Um percurso pelos seus temas, conceitos e autores.** Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009.

CORAZZA, Sandra Mara; SARDAGNA, Helena Venites. **Pensar a diferença no currículo: exercícios de escrileitura na docência**. Revista Artifícios, v.3, n.6, 2013. Disponível em: <sandracorazza@terra.com.brhttp://www.artificios.ufpa.br/Artigos/Revista6/Dossie%20Helena%20Corazza.pdf>. Acesso em: 13 out. 2016.

CORAZZA, Sandra Mara. **Uma vida de professora**. Ijuí: Unijuí, 2005.

DA COSTA, Luciano Bedin da. **Estratégias biográficas**: o biografema com Barthes, Deleuze, Nietzsche e Henry Miller. Porto Alegre: Sulina, 2011.

FISCHER, Rosa Maria Bueno. **Foucault e a análise do discurso em Educação**. Cadernos de pesquisa (CEDES). 2001, vol. 114, p.197-223. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/cp/n114/a09n114.pdf>. Acesso em: 15 out. 2016.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**: aula inaugural no College de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970. 22. ed. São Paulo: Loyola, 2012.

GARCIA, Maria Manuela Alves; HYPOLITO, Álvaro Moreira e VIEIRA, Jarbas Santos**. As identidades docentes como fabricação da docência.** Educação e Pesquisa. Jan/Abr. 2005, vol.31, n.1, p.45-56.

MARTIN, Marcel. **A linguagem cinematográfica.** São Paulo: Brasiliense, 2013.

SILVA, Tomaz Tadeu da / (ORG). **Nunca fomos tão humanos: nos rastros do sujeito**. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

RELATO DE EXPERIÊNCIA NA PRÁTICA PEDAGÓGICA EM GESTÃO EDUCACIONAL

Maiana Caliari[1]
Daiani Clesnei da Rosa[2]

Resumo: O seguinte relato consiste das investigações e práticas realizadas na disciplina de Prática Pedagógica em Gestão Educacional, do curso de Pedagogia da Univates, no semestre 2017/A, orientado pela professora Drª. Daiani Clesnei da Rosa. Teve como objetivo, desenvolver a Prática Pedagógica em Gestão Educacional, com enfoque na gestão e organização de propostas educativas em uma escola pública, na região do Vale do Taquari/RS, fazendo o acompanhamento do trabalho do diretor escolar desta instituição de ensino.

O estágio em Gestão Educacional dividiu-se entre teoria e prática, totalizando um tempo de 30 horas entre estudos, observações, pesquisas, análises e práticas. A instituição escolhida para ser o local de desenvolvimento do trabalho proposto, foi uma escola pública da rede municipal de ensino, e dando atenção especial, ao papel do diretor dentro desta.

Para o estudo, utilizou-se aportes teóricos que tratam das questões que competem à gestão educacional, como as legislações nacionais e outros autores que abordam sobre a gestão escolar e democrática, participativa e o trabalho em equipe.

Quanto à gestão escolar, notou-se que é uma prática que se encontra prevista em documentos de cunho respeitável, como os seguintes: Constituição Federal/88 e Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB).

Na CF/88, documento de maior magnitude para todos cidadãos brasileiros, no Art. 206 consta o seguinte: "O ensino será ministrado com base nos seguintes princípios: VI - gestão democrática do ensino público, na forma da lei; " (BRASIL, CF/88). Viu-se que a democracia na gestão do ensino público está garantida nas legislações do mais alto grau nacional. Desta maneira, se tornando algo que realmente deve ser levado a sério, pois está garantido na legislação.

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), aprovada no ano de 1996, passou a ser a lei mais importante no que diz respeito à educação. Ela se dispõe em 92 artigos, tratando de todos os temas possíveis na educação brasileira, desde a educação infantil até o ensino superior. Ela tem o intuito de organizar toda a estruturação da educação brasileira e assim, trazendo fortes influências em todas áreas de ensino até porque, ela indica/direciona caminhos a serem seguidos.

Logo em seu Art. 3º, que especifica em quais os princípios que o ensino será ministrado e baseado já se destaca o seguinte: "O ensino será ministrado com base nos seguintes *princípios*: VIII – *gestão democrática* do ensino público, na forma desta lei e da legislação dos sistemas de ensino; " (LDB). De fato, o que se espera é uma participação democrática, ou seja, de todos envolvidos, aonde a escolha do gestor, aconteça de maneira democrática.

No que diz respeito a organização da gestão educacional nos sistemas de ensino mais propriamente dito, ela traz em sua resolução artigos que tratam disso, sendo um deles o Art.14, que consta a seguinte declaração:

> Os sistemas de ensino definirão as normas da gestão democrática do ensino público na educação básica, de acordo com as suas peculiaridades e conforme os seguintes princípios: I - participação dos profissionais da educação na elaboração do projeto pedagógico da escola; II - participação das comunidades escolar e local em conselhos escolares ou equivalentes.

1 Acadêmica do Curso de Pedagogia da Univates.

2 Orientadora na disciplina de Prática Pedagógica em Gestão Educacional, do Curso de Pedagogia da Univates.